

*FATO E FAKE: DESCONSTRUINDO
AS FAKE NEWS ATRAVÉS DO
ENSINO DE HISTÓRIA*

Fact and Fake: Deconstructing Fake News through
History Teaching

Larissa Cristina Pacheco
Viviane Aparecida da Silva Paiva

FATO E FAKE: DESCONSTRUINDO AS FAKE NEWS ATRAVÉS DO ENSINO DE
HISTÓRIA

FACT AND FAKE: DECONSTRUCTING FAKE NEWS THROUGH HISTORY
TEACHING

Larissa Cristina Pacheco¹
Viviane Aparecida da Silva Paiva²

RESUMO

Este trabalho visa atender a demanda cada vez mais necessária e urgente de pensar a forma como o educador pode contribuir para que seus alunos estejam orientados e capazes de executar uma leitura crítica das mídias, sabendo identificar notícias falsas e não ajudando a propagá-las. As notícias falsas ou fake news (termo em inglês que se popularizou em nossa língua) povoam o ambiente virtual com a intenção de manipular a opinião pública e são usadas como ferramentas estratégicas de grande peso numa sociedade conectada em plataformas midiáticas digitais. O que percebemos em muitas situações em relação ao tratamento dos meios de comunicação em sala de aula é a insegurança dos professores quanto ao uso pedagógico das novas tecnologias e mídias digitais. Precisamos pensar sobre formas que aproxime o professor dos meios de comunicação e aproveite suas potencialidades, para criar saberes propomos para auxiliar esse processo o uso da Educomunicação. O uso das práticas de Educomunicação em sala servem para ajudar que as informações recebidas pelos alunos sejam mais saudáveis e para que a aplicação seja mais eficaz, a escola do século XXI precisa com urgência de professores capacitados, que compreendam o sentido de educar para mundo, ou ciberespaço e que estejam dispostos a fazê-lo.

Palavras-chave: Mídias, Tecnologias; *Fake News*; Educomunicação.

ABSTRACT

This work aims to meet the necessary and urgent demand to think about how the educator can contribute for that their students are oriented and capable of performing a critical reading of the media, knowing how to identify fake news and not helping to propagate them. fake news (an English term that became popular in our language) populate

¹ Mestre em História, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão-UFG, aluna especial do programa de doutorado em Educação da UFU. Lattes: 3002189540321734. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0109-8826>. E-mail: larissacrispacheco@gmail.com.

² Mestre em História, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão-UFG. Professora SEDUC/GO, Ipameri-Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9273467743294221>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2481-102X>. E-mail: viviane1000asp@gmail.com.

the virtual environment with the intention of manipulating public opinion and are used as strategic tools of great weight in a society connected to digital media. What we perceive in many situations in relation to the treatment of the media in the classroom is the insecurity of teachers regarding the pedagogical use of new technologies and digital media. We must think about ways that bring the teacher closer to the media and take advantage of their potential, to create knowledge we propose to help this process the use of Educommunication. The use of Educommunication in classroom help the information received by students to be more efficient and for the application to be more effective, the school that of the 21st century need with urgency of teachers, who understand the meaning of education for the cyberspace and who have done it.

Keywords: Media; Technologies; Fake News ; Educommunication.

INTRODUÇÃO

As *fakes news* (notícias falsas) povoam o ambiente virtual com a intenção de manipular a opinião pública e são usadas como ferramentas estratégicas de grande peso numa sociedade conectada em plataformas midiáticas digitais. A forma a qual atualmente uma informação é desenvolvida, compartilhada, curtida, detestada e comentada oferece as *fakes news* uma combustão espontânea descontrolada que faz com que o processo de disseminação ganhe dinamismo, velocidade e tenha o suporte tecnológico para atingirem proporções gigantescas.

Esse imediatismo se enquadra na geração frequentadora das salas de aula, que se preocupa apenas com o acesso, sem pensar no conteúdo e/ou contexto da informação. Eles recebem a todo o momento uma enxurrada de informação, e são expostos a estímulos, condicionamentos e provocações sensoriais que muitas vezes nem o próprio aluno e nem o professor conseguem processar e acompanhar.

O que percebemos em muitas situações em relação ao tratamento dos meios de comunicação em sala de aula é a insegurança dos professores quanto ao uso pedagógico da *web*. É necessário e urgente pensar de que forma o educador pode contribuir para que seus alunos estejam bem orientados e capazes de executar uma leitura crítica das mídias, sabendo identificar notícias falsas e

não ajudando a propagá-las. Precisamos pensar sobre formas que aproxime o professor dos meios de comunicação e aproveite suas potencialidades, para criar saberes e propomos para ajudar esse processo o uso da Educomunicação.

EDUCAÇÃO E *FAKE NEWS*

Em março de 2020 foi decretado pandemia mundial da Covid-19, esse fato parou o mundo, no Brasil os reflexos e efeitos foram instantâneos em várias áreas, na educação esses impactos foram extremamente preocupantes e imediatos.

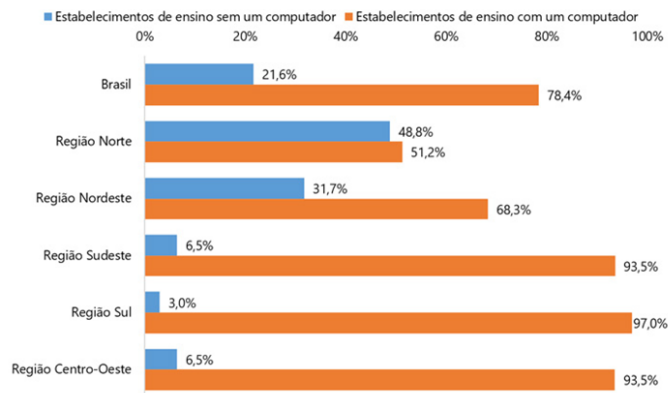
A nossa LDB (1996), já dispunha de um dispositivo que previa a possibilidade do ensino a distância em casos emergenciais, com isso os Conselhos Estaduais de Educação, regulamentaram em vários Estados o ensino remoto. A educação tecnológica e midiática já vem a alguns anos sendo aos poucos implementada no Brasil, sendo inclusive discutida na Lei de Diretrizes e Bases e na BNCC (2017).

Habilidade da BNCC: (EF69AR35) Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.

Contudo, a pandemia ocasionada pelo novo corona vírus fez com que esse processo fosse acelerado, sem que escolas, professores e alunos tivessem ainda sido preparados e equipados para tamanha mudança e desafio, muitas escolas sequer tinham computadores.

Figura I – distribuição dos estabelecimentos escolares públicos da Educação básica com acesso a internet

Distribuição dos estabelecimentos públicos da Educação Básica segundo a existência de um computador na escola — Brasil e Grandes Regiões, 2020



Fonte: <https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>

A nova modalidade de ensino traz grandes desafios, com as novas tecnologias, e a rápida propagação das *fake news*, a veracidade das informações e da própria ciência passa a ser questionada. Sem dúvida as *fake news*, em sala de aula foram um dos grandes desafios encontrado pela educação com a propagação das novas tecnologias e mídias digitais.

A viralização de conteúdos/publicações fomenta fenômenos como o da pós-verdade, em que as opiniões importam mais do que os fatos em si. Nesse contexto, torna-se menos importante checar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu (já que isso vai ao encontro da própria opinião ou perspectiva) [...] eis, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários (BRASIL, 2017, p. 68).

A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), 2017 traz a necessidade de desenvolver nos alunos uma leitura e utilização crítica dos meios tecnológicos e das mídias digitais, uma vez que as crianças e jovens são mais suscetíveis a essas informações falsas, pois ainda não estão

com o seu desenvolvimento cognitivo completo dessa forma tendo uma maior dificuldade em reconhecer e diferenciar a verdade e a mentira.

Tão rápidas e destrutivas quanto o próprio coronavírus, as notícias falsas (Fake News) têm prestado um grande desserviço no enfrentamento à pandemia, enquanto, na contramão, as campanhas de comunicação sobre a covid-19 caminham a passos lentos. (Fonte: Agência Senado).

As *fake news* podem parecer inofensivas, mas no Brasil diante do contexto da pandemia, acentuou-se com o movimento anticiência, que questionou a eficácia da vacina e mesmo a existência e a mortalidade da doença, com isso milhares de pessoas podem ter colocado suas vidas em risco ao negarem tratamento e usarem métodos não apenas ineficientes, mas muitas vezes perigosos.

A educação digital e o desenvolvimento do pensamento crítico são as principais armas no combate as notícias falsas que são compartilhadas e repostadas muitas vezes por pessoas que acreditam cegamente naquela informação por ter vindo de um site ou mesmo ter sido compartilhada por alguém conhecida, a rápida difusão do uso das redes sociais, *Whatsap, Instagram, Facebook, Twiter, Telegram*, e o apelo emocional das *fake news* fazem com que elas tenham um grande poder viral se espalhando rapidamente

É muito difícil descobrir como e porque uma *fake news* é criada, geralmente ela atende a determinados interesses, legitimando determinado pensamento, prejudicando ou favorecendo alguém. De acordo com a jornalista Claire Wardle(2018) podemos dividir as *fakes news* em sete categorias:

- ✓ **Sátira ou paródia:** não possui intenção de causar mal, mas tem potencial de enganar;
- ✓ **Falsa conexão:** quando imagens, títulos e legendas dão falsas dicas do que realmente é o conteúdo;
- ✓ **Conteúdo enganoso:** utilização enganosa de uma informação contra um assunto ou uma pessoa;
- ✓ **Falso contexto:** conteúdo original compartilhado em um contexto falso;

- ✓ **Conteúdo impostor:** quando afirmações falsas são atribuídas a fontes reais, geralmente pessoas;
- ✓ **Conteúdo manipulado:** informação verdadeira manipulada para enganar;
- ✓ **Conteúdo fabricado:** conteúdo completamente falso com o objetivo de gerar desinformação e causar algum mal.

Um dos grandes desafios em relação a *fake news* é identificar as notícias falsas e as verdadeiras dentre uma avalanche de informações que chegam a nós todos os dias, principalmente através das mídias digitais, daí a importância da educação tecnológica e o desenvolvimento em sala de aula de um pensamento crítico que busque selecionar, analisar e identificar as informações verdadeiras. O Brasil ainda não tem uma legislação voltada ao combate das *fake news*, mas vários órgãos ligados a imprensa e instituições como o Ministério da Saúde, MEC, Senado e várias universidades criaram sites que nos ajudam a identificar esse conteúdo. Entre eles:

- 1) Fato ou Fake (g1.globo.com/fato-ou-fake)
- 2) Comprova (projeto comprova.com.br)
- 3) Truco (apublica.org)
- 4) Aos Fatos (aosfatos.org)
- 5) Fake Check - Detector de Fake News (nilc-fakenews.herokuapp.com)
- 6) Boatos (boatos.org)

É papel da escola ensinar o aluno a desenvolver o senso crítico, lidar com as mídias e a identificar e reconhecer seus conteúdos. É necessário provê-lo de forma que possa se informar, orientar e relacionar nas mídias para que possa reconhecer quando está sendo enganado e possa decidir de forma consciente o que deve ou não compartilhar.

Transformações políticas, sociais, econômicas e culturais que ocorreram no século XX, culminaram com o surgimento das tecnologias da comunicação e da informação. Identifica-se, dessa forma, que, enquanto o século XIX preocupou-se com a reorganização econômica e política em função do crescimento industrial capitalista, o século XX preocupou-se com a onipresença dos meios de comunicação. Em um espaço de tempo muito curto, cerca de 20 anos (1950-1970), as novas tecnologias penetraram todos os campos do nosso cotidiano. “Esta mudança técnica não alterou apenas os hábitos da vida, mas também das estruturas do pensamento e da valoração” (McLUHAN, 1964, p.16). A velocidade que a tecnologia da informação chega e se impõe leva a um ritmo quase impossível de reorganização de hábitos, sendo que a informação é considerada, por autores como Ângela Junquer (2002), como o bem de consumo mais importante na Terceira Revolução Industrial.

Para Szlachta Júnior e Ramos (2021), a internet até 1990 foi um grande repositório de informações com sites de buscas como *Yahoo*, *Google*, era a *web 1.0*. Logo mais a possibilidade de interação dos usuários com trocas de mensagens marca o surgimento *web 2.0* e a partir de então, identificamos mudanças comunicacionais na liberação da autoria de conteúdo, no compartilhamento e na conectividade num processo que foi acelerado com interações sociais de redes como *Blogger*, *Orkut*, *Facebook*, *Youtube*, *Twitter*, *Instagram*, *Whatsapp* e outras. Já com a *web 3.0*, que surge a partir de 2020, temos o desenvolvimento dos algoritmos com bastante ênfase em redes sociais que através da *timeline* entrega conteúdos de acordo com o interesse do usuário. A dinamicidade, a fluidez com que qualquer assunto é tratado reflete na própria formatação das redes sociais que usam uma comunicação que priorizam imagens, vídeos e textos de forma curta, breve e passageira e os dados deixados em um cadastro virtual qualquer leva os algoritmos a conduzir informações específicas do seu perfil, seja no comércio com propagandas, seja seu posicionamento político, sua profissão, forma de vida e assim nos descreve Franco (2021, p. 10).

Apesar de se apresentarem como gratuitas, as tecnologias digitais proprietárias, que têm o Vale do Silício (EUA) como um dos principais centros, fazem mineração de nossos dados que são monetizados para estabelecer padrões de consumo, criar demandas tecnológicas, fomentar campanhas eleitorais. Seus algoritmos controlam nosso caminhar pelo ciberespaço, priorizando algumas páginas em detrimento de outras, filtrando as fontes que participam de nossa formação histórica.

Segundo Paulo Freire, “o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1967 apud SARTORI e SOARES, p.10), ou seja, é necessário refletir que os professores e a escola não sejam mais vistos como os únicos detentores do saber. A aprendizagem ocorre em vários locais e de múltiplas formas e parte de níveis mais simples para mais complexos de conhecimento. Os alunos vivem submersos nos meios de comunicação fora da sala de aula, por isso, a mídia deve ser utilizada como proposta de fonte de aprendizado a mais. Essa lógica para Moran requer o reconhecimento dos saberes prévios de alunos e professores e a prática contínua, descobrir uma forma de garantir a aprendizagem significativa e que esteja de acordo com as necessidades de cada um (MORAN, 2018).

Mas a chegada da tecnologia é diferente para professores e alunos. Professores mostram-se resistentes e até receosos, enquanto os alunos são atraídos pelo novo e, “nesse cabo de guerra”, os professores passam a ser aprendizes, aprendendo com os próprios alunos, o que mostra que o ensino não se restringe à sala de aula e os objetivos da educação têm que ir além do conteúdo escolar. Por tudo isso, a falta de orientação dos professores pode ser um obstáculo para a realização da mediação tecnológica na educação. Precisamos pensar não apenas o aluno, mas também o professor na era digital, a proposta levantada é através da Educomunicação.

A Educomunicação é um campo novo de estudo que inicia pela década de 1970 na América Latina, mas somente no ano 2000, começou-se a disseminar o conceito e a identificar o perfil desse profissional que procura ressignificar os movimentos comunicativos na área da educação.

Atualmente é um curso de graduação com licenciatura e bacharelado em várias universidades do país. Segundo informações do site da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom) existe inclusive interesse do Ministério da Educação na implementação da prática:

Em 2004, a cidade de São Paulo passou a contar com um dispositivo legal (Lei 13.941) que estabelece a prática educacional como meta a ser alcançada pelas diversas secretarias do município. Em nível federal, o Ministério do Meio Ambiente adota, desde 2005, o paradigma educacional como orientação para seu programa de educação ambiental. Em 2010, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) reafirmou esta política. Por seu turno, o Ministério da Educação incluiu entre os macrocampos do Programa Mais Educação o conceito da **educomunicação**, como opção de registro para a outorga de auxílio na implementação de projetos inovadores no ensino médio, atendendo, até o momento, mais de 3.500 escolas em todo o país. (ABPEducom, 2021).

Neste sentido, podemos perceber a importância e o destaque que a cada dia a Educomunicação tem alcançado. Suas premissas caracterizam-se por ser um campo interdisciplinar de prática, de discussão, de ações que para Soares (2000), visam fortalecer ecossistemas educacionais em espaços educativos presenciais ou virtuais. Em consonância com este pensamento, Martín-Barbero (2000, p. 55) afirma que através da Educomunicação, “A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e centralizados”. Assim, o educador não é mais o único que tem direito a palavra, porque a informação pertence a todos e isso coloca professores e alunos no mesmo patamar de aprendizado. Para os educadores, aprender é um processo coletivo, o qual as diferenças devem ser respeitadas. É pensar de forma multidisciplinar e multimidiática.

Outro ponto importante defendido pela Educomunicação se refere a educação emancipatória, que prepara o sujeito para pensar e desenvolver seu senso crítico, segundo Gabriela Metzker (2008). A preocupação não deve ser com a emissão das informações, mas com a recepção que deve ser trabalhada para que a pessoa aprenda a ler a mensagem. Por isso a escola não deve se

limitar a fazer um recorte sobre os saberes. Ela tem a função de mediar aquisição de conhecimentos e ainda “possibilita uma conscientização e o desenvolvimento de uma autonomia crítica do aluno/cidadão frente aos meios de comunicação que de repente sozinho, ele não conseguisse desenvolver” (CANZIANI, 2009, p. 54).

Este talvez seja um dos pontos principais na realidade das salas de aulas, o de preparar alunos para uma leitura crítica dos meios de comunicação, especificamente para as *fakes news* disseminadas em redes sociais. Preparar os alunos para o exercício de seus direitos e ensiná-los a receber, da forma mais proveitosa possível, o bombardeio de informações que estão expostos através do diálogo, respeitar os pensamentos e as decisões individuais, aprender a olhar uma matéria jornalística, por exemplo, e ter argumentos que sejam positivos ou contrários, ter uma relação mensageiro-receptor mais saudável, este seria o casamento perfeito entre o professor de História e a Educomunicação.

Felizmente, esse pensamento segue em consonância do que hoje acreditamos por ensino de História. No século XIX, abraçava-se uma linha positivista de educação, cujo objetivo era ensinar a História, pontualmente, dos momentos da origem até a atualidade. A narrativa do professor era endossada pelos livros didáticos e a História ensinada era aquela que os documentos escritos a validavam e o trabalho do historiador se resumia em extrair desses documentos as informações que estavam contidas. Para Maria Auxiliadora Schimidt (2004), as transformações ocorridas com a pedagogia da Nova Escola mudaram a forma de usar os documentos históricos em sala de aula. O aluno passou a ser considerado o centro do processo ensino-aprendizagem e o professor tornou-se um orientador. O documento ainda continua sendo a prova do real, mas foi com a nova historiográfica do século XX que houve uma renovação da concepção de documento histórico que agora vai desde o cinema, a literatura, os relatos orais e os meios de comunicação em geral.

A Ciência História vem moldando as práticas de ensino nas últimas décadas. Nela, teoria e prática se unem, defendendo a História ligada ao cotidiano. É a da Cultura Histórica que entende a importância do despertar de uma consciência histórica prática para as salas de aula. “Cada vez

mais se torna importante relacionar a função educativa do ensino de História, seus propósitos e suas finalidades, com a cidadania democrática e com a formação cidadã dos jovens.” (SILVA; SILVA; SANTOS. 2013, p. 9). Assim, a História pode ser construída pela pluralidade, para isso, é preciso analisar as diversas tradições de determinada cultura. É preciso desenvolver a tradição de se estudar nas escolas locais, as situações que estão mais próximas dos alunos e do seu dia a dia, de se aproximar do universo das crianças e colocá-las em destaque durante as aulas.

Trata-se da intersecção entre a História científica habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais (FLORES, 2007, p. 95).

História e Educomunicação estão muito mais próximas do que imaginávamos, as disciplinas interagem em seus princípios ideológicos e isso torna o processo muito mais fácil e sem conflitos de ser introduzido em sala de aula. Se reconhecemos que as mudanças tecnológicas modificaram o processo comunicativo, com implicações técnicas e éticas, alternando reações, diminuindo distâncias e mudando comportamentos, também reconhecemos que essas mudanças chegam nas salas de aula e que os alunos recebem diariamente notícias que circulam em redes sociais com falsa aparência de verdadeira. Espalhar mentiras não é um fenômeno novo na História, os boatos são “como um tipo de informação não confirmada que se propaga em rede e que circula com a intenção de ser tomada como verdadeira” (REULE, 2008, p. 22). Eles surgem em contextos de ambiguidade, perigo ou ameaça e servem para ajudar as pessoas a dar sentido a algo que não conseguem explicar.

Segundo Genesini (2018), o termo *fake news* (que usamos atualmente para nos referirmos as notícias falsas ou boatos) ganhou notoriedade no final de 2016 com dois fenômenos em específico, o Brexit³ e as eleições norte americanas de Donald Trump, a partir destes fatos as notícias

³ Segundo D' Ancona (2018, p.19) *Britain exit*, plano para saída da Grã-Bretanha da União Europeia.

falsas ficaram em evidência como uma epidemia a qual eleitores e opinião pública tomassem decisões “baseadas na emoção e em crenças pessoais ao invés de objetivos” (GENESINI, 2018, p. 47). No Brasil, o termo ganhou força em 2018, também no período de eleição presidencial.

Ao mesmo passo, o crescimento das redes sociais proporcionou o surgimento de um fenômeno global, de uma sociedade virtual que vê na possibilidade do anonimato o uso das redes para atacar os outros, aqueles que não pensam como eles, estimulando uma polarização tóxica nas relações sociais e políticas com a formação de milícias digitais e reais. Neste ambiente se espalham as *fakes news* que segundo D’Ancona (2018) têm um objetivo de espalhar o pânico, aumentar a ansiedade e o medo. Elas geralmente possuem formato jornalístico, simulam uma notícia e circulam em plataformas digitais como sites, *blogs*, redes sociais ou aplicativos de mensagens. Um exemplo próximo em relação a importância de um trabalho educacional é a pandemia causada pelo novo Coronavírus. Da noite para o dia um número expressivo de escolas no mundo todo teve suas atividades presenciais suspensas. Professoras e professores tiveram que atuar diante de um contexto de excepcionalidade e alternativas passaram a ser adotadas com o objetivo de reduzir o prejuízo educacional e a preservação do direito à educação. Junto ao ajuste tecnológico que o educador passou também vieram os disparos de inúmeras *fake news*, seja em relação ao contágio ou até mesmo a vacinação. É pelo trabalho do professor que as mentiras podem ser desmascaradas, alertando os alunos sobre os perigos de repassar esse tipo de informação.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE revela que a internet chega em 8 a cada 10 domicílios do país e que entre os brasileiros com 10 anos ou mais de idade, a utilização da Internet subiu de 74,7%, em 2018, para 78,3% em 2019. (Educa IBGE, 2019). Outra pesquisa realizada pelo TIC Kids Online Brasil 2019 divulgada em junho de 2020, no Brasil, 89% das crianças e dos adolescentes são usuários de Internet.

Em média, 58% das crianças e adolescentes acessam à Internet unicamente pelo celular. Ao separar por classe econômica, o uso exclusivo do celular é significativamente maior

entre a população DE, com 73%. Já entre a classe C, cai para 59%, e nas classes AB 25% usam somente o smartphone para entrar na Internet. (MOBILE TIME, 2020).

E segundo o Digital 2021, relatório digital publicado em parceria entre *We Are Social e Hootsuite*, o número de usuários de mídia social aumentou mais de 13% em 2020⁴ sendo que meio bilhão de novos usuários entraram em alguma *social network*, em média, mais de 1,3 milhão de novos usuários ingressaram nas redes sociais todos os dias durante 2020. Se considerarmos que durante o período de pandemia o qual muitas crianças e adolescentes tiveram como acesso escolar a internet estes números atualizados serão muito maiores.

Para Jawsnicker (2008), os professores não estão preparados para lidar com as mídias e sala de aula. A insegurança deles em relação ao uso pedagógico dos meios de comunicação se dá pelo fato de que muitas vezes a escola considera contraditória essa relação. De um lado, a mídia é criticada por estimular um consumo alienante, de outro, os professores reconhecem que elas são muito mais atraentes que a escola. Não é difícil encontrar educadores que tenham dificuldades de acessar um computador, de criar uma rede social ou um *Blog*, de produzir um jornal em sala de aula, que saiba operar uma máquina fotográfica, ou até mesmo de montar um grupo de pesquisa pelo celular.

Em meio às diversas mudanças contemporâneas, é necessário que os educadores também discutam temas atuais que impactam na formação dos alunos como indivíduos, não se limitando a ensinar apenas os conteúdos específicos de suas disciplinas. Numa perspectiva da Educomunicação, a atividade do professor inclui propor reflexões críticas aos alunos sobre os materiais que costumam ler nas múltiplas plataformas que utilizam e isso não significa que deixem de lado mídias impressas tradicionais, como o livro. Para um domínio maior das mídias eles precisam ser capacitados e provocados a ter um comando mínimo das informações acerca da técnica jornalística, tais como

⁴ Relatório completo com dados de fevereiro de 2021 disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo>.

processo de edição, definidores dos critérios de noticiabilidade. Precisamos investir sistematicamente nos professores, pois não se justifica um investimento tecnológico em computadores e softwares de última geração na escola e a ausência de políticas públicas que garantam educação continuada dos mesmos em saberes tecnológicos.

Ao ter esta habilidade em manipular a *web* e conseguir se inserir no ciberespaço, é que o educador poderá ser o mediador de conflitos que chegam à sala através de notícias mentirosas. Além de ser uma boa oportunidade de realizar um trabalho interdisciplinar trazer o debate sobre questões polêmicas e duvidosas é um momento de ouvir e ter uma percepção do que o jovem pensa a respeito do assunto tratado e como ele lida com isso, se acreditando, repassando ou pesquisando sobre. Um estudo da Transparência Internacional realizada entre fevereiro e abril de 2019, após eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro, apontou que quatro em cada cinco brasileiros acreditam que notícias falsas foram espalhadas para influenciar o resultado da última eleição presidencial. Este foi de fato um marco para nós brasileiros que desde então vimos a desinformação se tornar um problema de destaque e na tentativa de combater a disseminação das *fake news*, educadores e jornalistas buscam soluções para conscientizar a sociedade de que a questão pode afetar diretamente a vida da população. No contexto pandêmico essa responsabilidade aumenta, pois nunca tivemos tão suscetíveis a receber alguma informação sobre a ineficiência de vacinas contra o Covid-19 ou que pessoas tiveram complicações graves após receber vacina de laboratório A ou B, ou mesmo notícias que foram divulgadas sobre a última epidemia que a humanidade viveu no século passado.

Conforme Silva; Silva; Santos (2013, p. 10):

É importante que os estudantes não contemplem a História como pronta, mas aberta a interpretações. [...] Nesse sentido, é fundamental ensinar as crianças e jovens a construir conceitos e situações problema; ensinar a selecionar e interpretar dados e informações de maneira a ter maior compreensão da realidade que estiver sendo estudada; ensinar a construir argumentos que permitam explicar a si próprios e aos outros.

Ou seja, atuar dentro e fora dos muros, servir de ponto de mediação, de integração e de reflexão, saindo do impasse e transitando nos vários territórios, comunicar não apenas os enunciados científicos e técnicos, mas produzir a comunicação de discursos éticos, estéticos e sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais – esses são os objetivos do professor educador. Saber conduzir uma discussão para um consenso e apontar cientificamente soluções, alertar sobre a responsabilidade de se repassar conteúdo não verificado e entender a importância de uma leitura crítica dos meios, mostrar a importância de capacitar professores para que seus projetos pedagógicos quando abastecidos destas fermentas sejam norteados e enriquecidos seria a tarefa básica não apenas de historiadores, mas dos educadores em geral.

É neste sentido que a educação para as mídias é uma alternativa possível e necessária para que os alunos ao receberem este tipo de conteúdo saibam ler de maneira crítica, que entendam como as mídias funcionam, deixando de serem apenas consumidores de notícias. Neste processo não podemos deixar de pensar no professor de História que para conduzir uma leitura educacional da disciplina não se limite a ensinar apenas os conteúdos específicos da matéria, que consigam conectar questões socioculturais ao currículo escolar contribuindo para a educação midiática de crianças e adolescentes.

Ao considerarmos que a educação contribui para que os alunos resolvam os problemas da vida cotidiana, entendemos como fundamental as orientações do professor, de modo que sejam úteis e significativas na vida prática destes estudantes, que vá além de uma pesquisa científica e que atinja os relacionamentos pessoais, que os prepare para uma análise de notícias de acordo com o contexto histórico, político e ideológico. O uso das práticas da Educomunicação em sala serve para ajudar que as informações recebidas pelos estudantes sejam mais saudáveis e para que a aplicação seja mais eficaz, a escola do século XXI precisa com urgência de profissionais capacitados, que compreendam o sentido de educar para mundo, ou ciberespaço e que estejam dispostos a fazê-lo.

Recentemente outro avanço da Educomunicação (julho de 2021) que entrou para o vocabulário ortográfico da língua portuguesa com a seguinte definição pelo site da ABPEducom:

1. Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão.
2. Formação e atividade profissional do educador, relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos (ABPEducom, 2021).

Trata-se da intersecção entre a História científica habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais (FLORES, 2007, p. 95).

É neste sentido que a educação para as mídias é uma alternativa possível e necessária para que os alunos ao receberem este tipo de conteúdo saibam ler de maneira crítica, que entendam como as mídias funcionam, deixando de serem apenas consumidores de notícias. Neste processo não podemos deixar de pensar no professor de História que para conduzir uma leitura educacional da disciplina não se limitem a ensinar apenas os conteúdos específicos da matéria, que consigam conectar questões socioculturais ao currículo escolar contribuindo para a educação midiática de crianças e adolescentes.

Ao considerarmos que a educação contribui para que os alunos resolvam os problemas da vida cotidiana, entendemos como fundamental as orientações do professor, de modo que sejam úteis e significativas na vida prática destes estudantes, que vá além de uma pesquisa científica e que atinja os relacionamentos pessoais, que os prepare para uma análise de notícias de acordo com o contexto histórico, político e ideológico. O uso das práticas de Educomunicação em sala servem para ajudar que as informações recebidas pelos alunos sejam mais saudáveis e para que a aplicação seja mais

eficaz, a escola do século XXI precisa com urgência de professores capacitados, que compreendam o sentido de educar para mundo, ou ciberespaço e que estejam dispostos a fazê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que precisamos construir um caminho metodológico para conduzir uma discussão, para apontar cientificamente soluções, alertar sobre a responsabilidade de se repassar conteúdo não verificado e entender a importância de uma leitura crítica dos meios.

De um lado, a mídia é criticada por estimular um consumo alienante, de outro, os professores reconhecem que elas são muito mais atraentes que a escola, mas o grande perigo está em não reconhecer que o acesso à internet e a redes sociais é uma realidade e que não há volta e que neste ciberespaço estão as maiores e piores formas de se repassar informações inverídicas, raivosas, tendenciosas, abrindo caminhos e espaços para conflitos, bolhas virtuais, discursos de ódio, intolerância, descrédito nos saberes científicos e desinformação.

Pensar o ensino-aprendizagem na contemporaneidade requer refletir sobre a essência do sujeito receptor de informações, que inclui consumir dados e produtos, incessantemente, com pouca reflexão e em passo acelerado. Lidar com essas questões faz parte do contexto educacional, ou seja, educar enquanto se é educado, enquanto existe uma troca de mensagens, de conhecimentos, aproveitando os ventos da mídia para tal. O papel do professor no combate a divulgação de *fake news* em redes sociais a partir da Educomunicação se torna fundamental no processo de desenvolvimento crítico do aluno e combate a desinformação e a divulgação de notícias falsas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017, p.68.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, *LDB*. 9394/1996. BRASIL.

CANZIANI, Tatiana de Medeiros. *TV Paulo Freire: desafios para a construção de uma televisão educativa*. Curitiba. 2009. 133 fls. Mestrado (Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2009.

D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*. Tradução de Carlos Szlak. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018.

FLORES, Elio Chaves. *Dos feitos e dos ditos: História e cultura histórica*. Revista de História. Saeculum, v.16, jan./jun. 2007. p. 83-102.

FRANCO, Aléxia. *Ensino de História e Internet: aprendizagens conectadas*, in: FRONZA Marcelo, RODRIGUES Junior Osvaldo (orgs)– São Paulo: Paruna Editora, 2021.p.163.

GENESINI, Silvio. *A pós-verdade é uma notícia falsa*. Revista USP. São Paulo, n. 116, p. 45-58, jan/fev/mar 2018.

JUNQUER, Angela. *et al. Novas competências na sociedade do conhecimento*. Campinas, São Paulo: Edições Leitura Crítica, 2012.

MATÍN-BARBERO, Jesus M. *Retos culturales de la comunicación a la educación*. Elementos para una reflexión que está por comenzar. *Revista Reflexiones Académicas*. n. 12, p. 45-57, Santiago: Universidad Diego Portales, 2000.

McLUHAN, Marsall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari, Ed. Cultrix, São Paulo. 1968, 407 p.

MORAN, José Manuel. *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas*. in: MORAN, José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 13ªed. São Paulo: Editora Papirus, 2000. p. 11-66.

SCHAUN, Angela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *As fontes históricas e o ensino da História*. in: SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.p.89-110.

SILVA Júnior, Astrogildo Fernandes., SILVA, Luzia Marcia Rezende, & SANTOS, Regma Maria dos. (2013). Dossiê: Linguagens, tecnologias da informação e ensino de História DOI 10.5216/o.v13i1.26611. *OPISIS*, 13(1), 09–14. <https://doi.org/10.5216/o.v13i1.26611>.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, n. 19, set/dez. 2000.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BUTCHER, Isabel. *89% das crianças e dos adolescentes brasileiros são usuários da internet*. *Mobile Time*, 2020. Disponível em: <<https://www.mobiletime.com.br/noticias/23/06/2020/89-das-criancas-e-dos-adolescentes-brasileiros-sao-usuarios-de-internet/>> Acesso em: 11 ago. 2021.

Distribuição dos estabelecimentos públicos da Educação Básica segundo a existência de computador na escola---Brasil e Grandes Regioes ,2020, Gráficos - Fonte: Ministério da Educação (MEC) /Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) /Diretoria de Estatísticas Educacionais (Deed).Disponível em:< [Censo da Educação Básica 2020 Notas Estatísticas.indd \(inep.gov.br\)](#) Notas Estatísticas.indd (inep.gov.br)> acesso em:20 de abril de 2022.

EDUCOMUNICAÇÃO entra para o vocabulário ortográfico da língua portuguesa. ABPEducom, 2020. Disponível em: < <https://abpeducom.org.br/educomunicacao-entra-para-o-vocabulario-ortografico-da-lingua-portuguesa/>>. Acesso em 12 ago. 2021.

Entenda como a pandemia impactou a Educação no Brasil, Disponível em:< <https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>> Acesso em 20 de abril de 2022

JAWSNICKER, Claudia. *Educomunicação: reflexões sobre teoria e prática*. A experiência do Jornal do Santa Cruz. 2008. Disponível em: < https://midialogos.infonauta.com.br/ed_01/01_artigos.php > acesso em:15 de maio de 2022

Liberdade de Imprensa: o Senado no combate às fake News, 2022, Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/desinformacao-e-fake-news-sao-entrevista-no-combate-a-pandemia-aponta-debate>> Acesso em: 15 mar. 2022.

REULE, Sandri Danielle. *A dinâmica dos rumores na rede: a web como propagação de boatos virtuais*. 2018.151f. Dissertação de Mestrado (Comunicação e informação), UFRGS.

SATORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete. *Concepção dialógica e as NTIC: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos*. s.d. Disponível em : <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13796/000652732.pdf?sequence=1> > acesso em: 30 jan. 2015.

SILVA, Gabriela Luzia Rodrigues. *Educomunicação em tempos de fake news: entre conceitos e práticas*. In: VIII Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades CONINTER, 2019, *Anais*, Maceió-AL, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/337289513_EDUCOMUNICACAO_EM_TEMPOROS_DE_FAKE_NEWS_ENTRE_CONCEITOS_E_PRATICAS> Acesso em: 10 ago. 2021.

SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martins; RAMOS, Márcia E. Teté. *As contribuições da History Education para a pesquisa em ensino de História*. In: Ensino de História e suas práticas de pesquisa. ANDRADE, Juliana Alves de Andrade; PEREIRA, Milton Mullet (orgs). São Leopoldo, RS: Oikos, p.96 -113, 2021. *E-book*. Disponível em:< [Ensino de História e suas práticas de pesquisa \(ufrgs.br\)](#)> Acesso em: em 06 jul de 2022.

USO de internet, televisão e celular no Brasil. Educa IBGE, 2019. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

WARDLE Claire: *Fake News: significado*, 2018, Disponível em:< [journalism fake news disinformation print friendly 0.pdf \(unesco.org\)](#)> acesso em: 25 de abril de 2022.

WE are social e Hoot suíte- digital 2021 (resumo e relatório completo), 2021, Disponível em: <<https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo>> Acesso em: 22/08/2021.